

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica
Volume 20 | Número 1 | Janeiro – Junho 2026
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**VIDROS LASCADOS, COMPARTILHAMENTOS DE PRÁTICAS E
RESISTÊNCIA ENTRE AFRICANOS ESCRAVIZADOS E SEUS DESCENDENTES
EM DOIS SÍTIOS RURAIS DO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX**

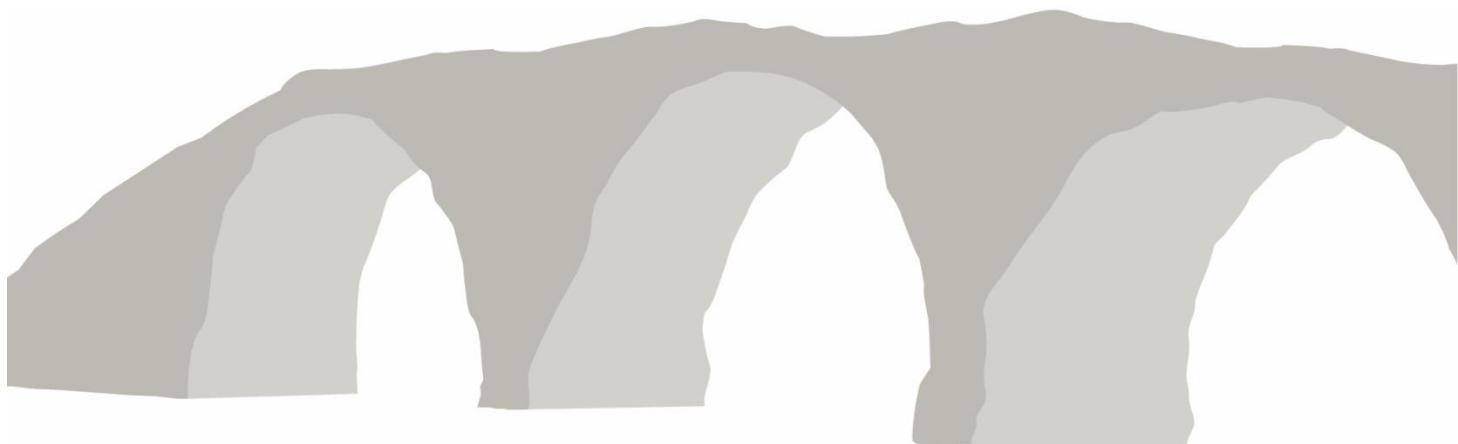
**VIDRIOS LASCADOS, PRÁCTICAS COMPARTIDAS Y RESISTENCIA ENTRE
LOS AFRICANOS ESCLAVIZADOS Y SUS DESCENDIENTES EN DOS SITIOS
RURALES DE RÍO DE JANEIRO, SIGLO XIX**

**FLAKED GLASS, SHARED PRACTICES AND RESISTANCE AMONG
ENSLAVED AFRICANS AND THEIR DESCENDANTS IN TWO RURAL SITES
IN RIO DE JANEIRO, 19TH CENTURY**

Anna Flora Norónha Moni

Marcos André Torres de Souza





Submetido em 10/07/2025.

Aceito em: 18/11/2025.

Publicado em 29/01/2026.

VIDROS LASCADOS, COMPARTILHAMENTOS DE PRÁTICAS E RESISTÊNCIA ENTRE AFRICANOS ESCRAVIZADOS E SEUS DESCENDENTES EM DOIS SÍTIOS RURAIS DO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX

VIDRIOS LASCADOS, PRÁCTICAS COMPARTIDAS Y RESISTENCIA ENTRE LOS AFRICANOS ESCLAVIZADOS Y SUS DESCENDIENTES EN DOS SITIOS RURALES DE RÍO DE JANEIRO, SIGLO XIX

FLAKED GLASS, SHARED PRACTICES AND RESISTANCE AMONG ENSLAVED AFRICANS AND THEIR DESCENDANTS IN TWO RURAL SITES IN RIO DE JANEIRO, 19TH CENTURY

Anna Flora Norónha Moni¹

Marcos André Torres de Souza²

RESUMO

Este artigo trata da análise e interpretação da coleção de vidros lascados proveniente de escavações arqueológicas em duas casas situadas na região rural fluminense, às margens do Caminho Novo, em Vila Inhomirim, Magé. O recorte temporal associado a essa materialidade corresponde ao século XIX, período em que ambas as residências estavam vinculadas ao complexo da Fábrica de Pólvora da Estrela. Com a chegada da Coroa portuguesa, essa fábrica passou a produzir pólvora para comercialização no território brasileiro. Desenvolve-se uma análise focada, especialmente, nos vidros lascados e em sua interpretação, de acordo com um protocolo específico, com o objetivo de examinar elementos de resistência cultural, relações de solidariedade e o compartilhamento de conhecimentos tradicionais entre diversos grupos de africanos e seus descendentes, fossem eles escravizados, livres ou libertos. Como se procura demonstrar, o uso desses objetos e a perpetuação dessas práticas basearam-se amplamente no conhecimento acumulado por esses grupos, transmitido ao longo de várias gerações de descendentes de africanos.

Palavras-chave: Arqueologia histórica, Vidros lascados, Instrumentos sobre vidro, Diáspora Africana, Resistência cultural, Zonas morais.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: annafloranm@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7766-5244>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: torresdesouza@ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0434-1673>.

RESUMEN

Este artículo aborda el análisis y la interpretación de la colección de vidrios lascados procedentes de excavaciones arqueológicas en dos casas ubicadas en la región rural fluminense, a orillas del Caminho Novo, en Vila Inhomirim, Magé, RJ. El marco temporal asociado a esta materialidad corresponde al siglo XIX, periodo en el cual ambas residencias estaban vinculadas al complejo de la Fábrica de Pólvora de la Estrella. Con la llegada de la Corona portuguesa, esta fábrica comenzó a producir pólvora para su comercialización en el territorio brasileño. Se desarrolla un análisis centrado, especialmente, en los vidrios lascados y su interpretación, a partir de un protocolo específico, con el objetivo de examinar elementos de resistencia cultural, relaciones de solidaridad y el intercambio de conocimientos tradicionales entre diversos grupos de africanos y sus descendientes, ya fueran esclavizados, libres o libertos. Como se pretende demostrar, el uso de estos objetos y la perpetuación de estas prácticas se basaron ampliamente en el conocimiento acumulado por estos grupos, transmitido a lo largo de varias generaciones de descendientes de africanos.

Palabras clave: Arqueología histórica, Vidrios lascados, Instrumentos sobre vidrio, Diáspora Africana, Resistencia cultural, Zonas morales.

ABSTRACT

This article focuses on the analysis and interpretation of a collection of flaked glass artefacts from archaeological excavations at two houses located in the rural region of Rio de Janeiro, along the Caminho Novo, Vila Inhomirim, Magé. The temporal framework associated with this materiality corresponds to the 19th century, a period during which both residences were linked to the complex of the Estrela Powder Factory. With the arrival of the Portuguese Crown in 1808, this factory began producing gunpowder for commercialization throughout Brazilian territory. The analysis focuses particularly on flaked glass artifacts and their interpretation, following a specific protocol, with the aim of examining elements of cultural resistance, relationships of solidarity, and the sharing of traditional knowledge among different groups of Africans and their descendants, whether enslaved, free, or freed. As this study seeks to demonstrate, the use of these objects and the perpetuation of these practices were largely based on the knowledge accumulated by these groups, which was transmitted across several generations of African descendants.

Keywords: Historical archaeology, Flaked glass, Glass tools, African Diaspora, Cultural resistance, Moral zones.

INTRODUÇÃO

O comércio de africanos e seus descendentes no Brasil perdurou por mais de três séculos. Ainda mais duradouras foram suas consequências, como o preconceito racial, que persiste até os dias atuais. É sabido que o deslocamento forçado, a imposição de uma nova cultura, a submissão ao trabalho compulsório, a transformação em mercadoria e outras situações opressoras não foram aceitos pelos escravizados e seus descendentes sem que houvesse resistência. Diversas práticas, muito variadas, que incluíram o uso ostensivo dos recursos materiais disponíveis, atestam a relutância em viver sob tais condições. Reconhecendo o envolvimento dos itens de uso cotidiano como ferramentas de resistência, diversos autores brasileiros têm se debruçado sobre esse tema (para o caso brasileiro, ver sínteses desses estudos em Singleton & Souza, 2013; Symanski, 2014; Symanski & Ferreira, 2022). No que diz respeito aos vidros lascados, notamos também um interesse crescente. Nas últimas décadas, o olhar arqueológico começou a se voltar para essa materialidade, tanto no Brasil (Ribeiro *et al.*, 1988; Wüst, 1991; Symanski & Osório, 1996; Souza, 2011; Lima, 2016; Santos Júnior, 2017; Ruiz, 2018) quanto em outras antigas colônias europeias (especialmente Wilkie, 1996, 1997; Armstrong & Fleischman, 2003; Ahlman *et al.*, 2014; Martindale & Jurakic, 2015).

Importa observar que a utilização dos vidros lascados por africanos já ocorria desde a travessia do Atlântico, o que é atestado pela menção de um passageiro embarcado em um navio negreiro no século XVIII:

Todos os escravizados são conduzidos ao convés... seus cabelos raspados em diferentes figuras de estrelas, meias-luas etc., que geralmente fazem um ao outro (sem navalhas) com a ajuda de uma garrafa quebrada e sem sabão. (Stedman citado em Mintz & Price, 1992, p. 45, tradução dos autores).

Conforme os estudos arqueológicos acima citados vêm demonstrando, essa prática foi transferida para as colônias europeias e ali, bem estabelecida. Nesse sentido, entendemos ser necessário nos debruçar com atenção sobre esse conjunto de evidências. Este artigo constitui um esforço nessa direção. O que aqui apresentamos é uma versão modificada da dissertação de Moni (2021), que se propôs a estudar os vidros lascados resgatados durante escavações arqueológicas em dois contextos que detalharemos adiante. Com base na análise desses artefatos, o objetivo foi compreender melhor as práticas de lascamento realizadas por africanos escravizados, livres e libertos, levando em consideração as possíveis dinâmicas de relações interpessoais que ocorriam na área de estudo e seu entorno.

Utilizaremos em nossa análise uma abordagem baseada em conceitos relacionados à convivência em grupos humanos e às formas como eles gerenciam os recursos de que dispõem. Para isso, adotamos como premissas duas teorias. A primeira é a proposta por Young (1997), que envolve o gerenciamento de risco; a segunda, proposta por Park (1973), diz respeito à constituição de “zonas morais”. Para o desenvolvimento das análises, optamos pela abordagem tecnofuncional (Boëda, 1997; 2013), combinada aos resultados de trabalhos experimentais realizados por Moni (2021, p. 84-98), cujo objetivo foi aprimorar nosso conhecimento sobre os estímulos intencionais e accidentais identificáveis nos vidros lascados, bem como proporcionar uma esquematização mais refinada da trajetória de vida de um objeto vítreo, nos termos propostos por Schiffer (1972) e Gallay (1986).

Para cumprir o que propomos em nossa análise, focaremos na investigação das coleções de vidro resgatadas em escavações realizadas em dois quintais residenciais: o Sítio Casa das Três Viúvas e o Sítio Casa da

Néa-Celina, localizados na Vila de Inhomirim, município de Magé (RJ). O recorte temporal se situa no século XIX, com maior densidade de artefatos em sua segunda metade. Ambas as residências estavam situadas às margens do Caminho Novo (Figura 1) e, durante o Oitocentos, pertenciam à área da Fábrica de Pólvora da Estrela, que, inaugurada em 1832, segue em funcionamento. Notamos que as coleções aqui estudadas haviam sido, dentro de outra orientação, discutidas por outras autoras. O Sítio Casa das Três Viúvas foi estudado entre 1991 e 1998 por Tania Andrade Lima (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro) e sua equipe; já o Sítio Casa da Néa-Celina foi tema de um subprojeto de Ana Cristina Sousa, desenvolvido como parte de sua dissertação de mestrado (Sousa, 1998).



Figura 1. Mapa da área pesquisada. À esquerda, mapa da Baía de Guanabara com a indicação dos sítios Casa das Três Viúvas e Casa da Néa-Celina; à direita, detalhe da área das residências estudadas e delimitação de parte do Caminho Novo. Fonte: Moni (2021, p. 19).

Com o avanço das discussões, argumentamos que os vidros lascados constituíram uma entre as diversas modalidades de resistência cultural adotadas por africanos escravizados, libertos ou nascidos livres. Ressaltamos que os critérios técnicos observados não são arbitrários nem universais, mas sim frutos de escolhas culturais específicas e variadas, expressas pelas comunidades aqui analisadas. A análise tecnofuncional revelou que a transmissão de conhecimentos técnicos — como o domínio das técnicas de lascamento — não apenas garantiu a continuidade de saberes, mas também promoveu encontros entre indivíduos com experiências e objetivos comuns. Esses saberes funcionaram como catalisadores de pertencimento, reafirmando identidades e formas

culturais que atravessaram gerações de descendentes daqueles trazidos da África, perpetuando heranças mesmo em contextos adversos.

AS PESQUISAS SOBRE VIDRO LASCADO NO BRASIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES

As pesquisas sobre vidros lascados ainda são escassas, embora, como já notado, estejam ganhando crescente interesse, principalmente no Brasil. Esses artefatos foram inicialmente identificados no país em sítios de contato Bororo em Mato Grosso, por indígenas em Aimorés (MG), em São Nicolau do Rio Pardo (RS) e em dois sítios rurais dos séculos XVIII e XIX, em Rio Grande (RS), em investigações realizadas por Irmhild Wüst, Pedro Ribeiro, Klaus Hilbert e Denise Ognibeni, respectivamente (Symanski & Osório, 1996, p. 49).

Apesar dessas iniciativas pioneiras, os primeiros estudos a tratar de forma mais aprofundada do tema se iniciaram em uma fase posterior. Esses trabalhos podem ser reunidos em três grupos. No primeiro, incluem-se aqueles focados em abordagens socioeconômicas. É representante dessa abordagem o estudo realizado por Symanski & Osório (1996). Em seu trabalho, apresentaram os resultados das análises e interpretações dos vidros lascados provenientes de dois sítios históricos do Rio Grande do Sul: o Solar Lopo Gonçalves, uma unidade doméstica construída entre 1845 e 1855, e o Mercado Público Central de Porto Alegre, edificado entre 1864 e 1869. Ao todo, foram identificados cinco vidros lascados, sendo dois com suposta função lúdica e três como utensílios. Os pesquisadores analisaram esses vidros à luz dos processos de reúso, conforme Schiffer (1987), entendendo que essa materialidade era uma alternativa para situações em que havia limitações econômicas. Apesar de ser um trabalho relevante, a amostra reduzida não permitiu conclusões definitivas.

O segundo grupo envolve abordagens baseadas no uso criativo dos recursos materiais e na reprodução de práticas culturais e sociais. Nesse viés, Souza (2011; 2013, pp. 20-23) discutiu 49 vidros reciclados recuperados nas senzalas do Engenho de São Joaquim, em Goiás, em contextos datados da primeira metade do século XIX. Ao refletir sobre esses e outros artefatos, o autor sugeriu que tais mecanismos permitiram que os escravizados compartilhassem práticas específicas e internas ao grupo, criando assim novas formas de coexistência e construindo referenciais culturais próprios, que contribuíram para sua sobrevivência física, cultural e social.

Nesse mesmo viés, Lima (2016) dissertou sobre os vidros lascados encontrados na Rua da Assembleia, no centro do Rio de Janeiro. O local onde esses artefatos foram achados estava associado a um contexto datado do final do século XVII e primeira metade do século XVIII, próximo a uma fonte que servia como um ponto de encontro onde os escravizados podiam socializar e trocar experiências. Nesse sítio, foram identificados 11 fragmentos de vidro de coloração verde-escura com estigmas de lascamento e/ou microlascamento. Para a autora, essa materialidade permite compreender melhor o cotidiano dos escravizados no Rio de Janeiro. Em sua análise, ela os viu como reflexo das estratégias físicas, espirituais e de autodefesa que contribuíram para a sobrevivência dos escravizados que viveram na cidade.

Um terceiro e último viés envolve abordagens voltadas para a tecnologia de produção e que foram seguidas por Santos Junior (2017) no âmbito de sua pesquisa de mestrado. Na sua análise, estudou 30 artefatos feitos de vidro lascado, coletados nas proximidades de uma senzala do Engenho do Murutucu, em Belém (PA), datado do século XIX. Na investigação, o autor realizou experimentações com o objetivo de comparar as peças obtidas nesse processo com as encontradas durante as escavações. O protocolo de experimentação desenvolvido pelo autor consistiu em três fases: (1) a fragmentação aleatória das garrafas de vidro; (2) o pisoteio dos fragmentos; e (3) o uso do vidro em dois substratos diferentes: madeira e couro. Um autor que utilizou os resultados obtidos

nas atividades experimentais foi Ruiz (2018), em um estudo sobre a Charqueada São João, no Rio Grande do Sul.

Logicamente, essas não são as únicas possibilidades interpretativas relacionadas aos vidros lascados, e tampouco se mostram como excludentes. Cumpre notar que o potencial analítico e interpretativo apontado nesses trabalhos convida a novos aprofundamentos no estudo dessa materialidade, de forma que seja possível compreendê-la melhor, assim como as pessoas que a produziram.

A ESCRAVIDÃO NAS REGIÕES RURAIS FLUMINENSES E O CONTEXTO HISTÓRICO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: MUDANÇAS, ESPAÇOS E PESSOAS

No intuito de melhor compreender o contexto no qual os instrumentos sobre vidro aqui estudados estão inseridos, é necessário oferecer algumas informações essenciais a respeito da escravidão nas áreas rurais fluminenses no século XIX. Durante a primeira metade do século XVIII, o tráfico atlântico com destino à cidade do Rio de Janeiro foi bastante estimulado pela sua conjuntura econômica. De acordo com diversos autores que estudaram os padrões do tráfico atlântico e suas repercussões no Brasil (Curtin, 1969; Behrendt *et al.*, 1999, pp. 21-23; Eltis, 2000, pp. 224-257; Gomes, 2012), entre 1811 e 1830, aproximadamente 470 mil africanos chegaram à cidade, sendo muitas dessas pessoas direcionadas para as regiões rurais fluminenses, onde havia maior demanda por trabalho compulsório. O número de pessoas escravizadas na região continuou a crescer até 1850, quando foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós que instituiu medidas para a abolição do tráfico de africanos para o Brasil. A partir desse momento, os números começaram a cair drasticamente, o que resultou em um crescimento demográfico expressivo dos afro-brasileiros, denominados à época “crioulos” (Soares, 2007, p. 380).

É importante notar que, em períodos subsequentes à abolição do tráfico, o número de afro-brasileiros vivendo nas áreas interioranas da província continuou a crescer. Dados relativos aos anos de 1872 e 1890 sobre a população rural do Rio de Janeiro indicam um salto expressivo no número de habitantes, que passou de 34.857 para 92.803, com predominância de pessoas pretas. Apesar dessa mudança, a divisão por cor permaneceu relativamente estável, com cerca de 43% da população rural sendo de cor branca (Soares, 2007, p. 377, 380, 381).

No que diz respeito às possíveis ocupações profissionais dos escravizados rurais na segunda metade do século XIX na região, os lavradores correspondiam a 50% da população masculina, seguidos por criados e jornaleiros (13%), empregados em serviços domésticos (9%), operários (4,5%), pescadores (2%), artistas (0,5%) e marítimos (0,05%), além daqueles sem profissão definida (20%). Em relação à divisão sexual do trabalho, a maioria das mulheres escravizadas era também de lavradoras (46,4%), seguidas por aquelas que trabalhavam em serviços domésticos (27,4%), costureiras (3,13%), criadas e jornaleiras (1,5%) e aquelas sem profissão definida (21,6%) (Soares, 2007, pp. 414-437).

Outro dado importante a ser considerado diz respeito ao tráfico interno. O declínio da economia do açúcar brasileiro no mercado mundial e das exportações locais ao longo do século XIX, somado ao fim do comércio de africanos por meio do sistema atlântico e ao crescimento da produção de café, resultou no aumento do preço dos africanos. Essa equação contribuiu para uma migração maciça de trabalhadores de outras regiões para aquelas onde o café era cultivado, pois os proprietários dessas áreas possuíam maior capacidade de compra (Karasch, 2000, pp. 93-98; Klein & Luna, 2010, p. 95). Deve-se, portanto, considerar que uma parte significativa da população da região havia migrado de outras regiões.

Como é natural supor, os diferentes grupos de escravizados e libertos, fossem eles africanos ou crioulos, buscavam criar laços de família e comunitários, o que é um aspecto necessário a considerar ao tratarmos das relações de reciprocidade entre eles. A constituição de famílias de escravizados foi uma das articulações culturais que mais contribuíram para a formação de uma identidade grupal, sendo compartilhada por muitos, e em clara oposição aos proprietários (Florentino & Góes, 1997; Slenes, 2012), o que acontecia sempre acompanhado de mecanismos de dominação e resistência (Moura, 1998; Reis & Silva, 1989).

Nessa discussão, é importante notar que, se tratando de pequenas propriedades rurais, como foi o caso dos dois sítios aqui estudados, a estabilidade familiar era menor, o que se devia a uma série de circunstâncias, que iam desde as menores possibilidades de escolhas de parceiros até limitações ligadas a separações por heranças, algumas vezes potencializadas pelas dívidas dos proprietários, que forçavam a venda de escravizados para saldá-las (Metcalf, 1987).

Embora as famílias escravizadas fossem fundamentais para a criação de redes de solidariedade e sociabilidade, elas não eram o único mecanismo de relevância. Relações de compadrio também desempenhavam um papel importante na forma como as comunidades criavam configurações particulares (Gudeman & Schwartz, 1988). Os padrinhos podiam ter *status* sociais diferentes, já que poderiam ser livres, o que indica a criação de laços que ultrapassavam a condição de escravizado, ainda que o predomínio fosse, de modo geral, daqueles que compartilhavam a mesma condição social. De forma mais ampla, os laços de compadrio se apresentavam como uma maneira de ampliar o raio social das alianças de solidariedade e proteção, mostrando a face social e política da formação de famílias e comunidades entre os escravizados e libertos (Florentino & Góes, 1997, pp. 87-88, 90).

No nível local, as pessoas escravizadas na Fábrica de Pólvora da Estrela eram uma peça fundamental para o seu funcionamento. Nessa unidade de trabalho, foram adotadas duas estratégias complementares que devem ser aqui consideradas, pois permitem algumas aproximações em relação aos africanos e crioulos que lá trabalharam e viveram. A primeira foi o “sistema misto”, que estipulava que o empreendimento era encarregado não apenas da produção de pólvora, mas também pela de gêneros, devendo utilizar e manter os plantios já existentes das fazendas Mandioca e Cordoaria – propriedades que existiam na área antes da compra do terreno pela fábrica – para suas próprias necessidades, tornando-a autossuficiente. Foi para esse último setor que o trabalho escravo foi direcionado. A segunda estratégia adotada foi a admissão do trabalho assalariado ou do trabalho compulsório por meio da exploração de africanos livres feitos prisioneiros de guerra (Sousa, 1998, p. 47). Dessa forma, na região coexistiram, e provavelmente constituíram redes de relações familiares ou de compadrio, afrodescendentes empregados na fábrica e na produção rural, que eram tanto livres quanto escravizados. Embora essa coexistência não fosse incomum, foi notoriamente evidente no caso aqui considerado.

Nos anos de 1850 e 1860, a fábrica passou por uma reestruturação e optou-se pela força de trabalho assalariada de artífices militares em vez dos africanos escravizados ou livres. O resultado foi o declínio do número de escravizados e africanos livres a partir de 1850, possivelmente devido à reestruturação do espaço fabril e às leis em vigor (Sousa, 1998; Moreira, 2005).

Em 1854, o ministro e secretário do Estado dos Negócios de Guerra afirmou que o “sistema misto” era inconveniente e propôs sua abolição, juntamente com toda a estrutura de trabalhadores que tal modelo empregava, forçando o remanejamento de muitos escravizados e africanos livres das roças e outras atividades não industriais para a fábrica. Isso acarretou a inativação das plantações em um curto intervalo de tempo e uma

redução drástica das atividades ligadas ao campo. As mulheres escravizadas que restaram – antes encarregadas de lavar, cozinhar, limpar, entre outros trabalhos – passaram a ser empregadas no corte de capim para os animais e em outras atividades, como a educação de crianças menores (Sousa, 1998, pp. 69-70).

A fábrica teve diversos diretores ao longo de seu funcionamento. José Maria da Silva Bitancourt (de 1835 a 1841 e de 1845 até cerca de 1850) foi o encarregado por mais tempo, introduzindo diversas práticas que se refletiram na dinâmica social do local. Bitancourt foi responsável pela introdução de um sistema de educação para os filhos menores das escravizadas nas casas dos empregados, com o objetivo de reduzir gastos com aqueles que não faziam parte do quadro de trabalhadores. Em 1841, foi criada a “Escola de Primeiras Letras” para a educação dos filhos de operários, sendo que parte dos alunos eram “escravos de nação” (i.e., africanos), filhos de empregados e crianças que moravam nas proximidades (Sousa, 1998, p. 65).

Considerando esse quadro, fortemente relacionado a uma divisão de trabalho estruturada, cabe notar a espacialidade desse sítio em relação ao centro da unidade produtiva. Segundo Sousa (1998), ambos os sítios estudados estavam localizados em um espaço marginal da fábrica, distante da sede e das oficinas, dos diretores e de outras esferas de poder fabril. Algumas decisões contribuíram para o estabelecimento desse espaço marginal, como, por exemplo, a implantação de um cemitério em resposta às medidas de saneamento urbano e à distância do cemitério da Freguesia de Inhomirim, bem como à localização de uma venda que trazia consigo a ideia de desordem, já que nesse local as pessoas bebiam e, com frequência, se embriagavam. Essa percepção é relevante, pois coloca as residências aqui estudadas em um local onde os princípios normatizadores da fábrica de pólvora não eram rigorosamente seguidos, abrindo assim espaço para práticas menos rígidas, voltadas para a criação de zonas morais mais fluidas e abertas a constituições particulares.

AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS APLICADAS AO ESTUDO DOS VIDROS LASCADOS

Os denominados “vidros lascados” foram, em nossa compreensão, uma forma adicional de resistência adotada pelos grupos de escravizados, libertos e afro-brasileiros livres. Para traçarmos um percurso nessa direção, os instrumentos feitos de vidro são aqui interpretados a partir da abordagem arqueológica da teoria de gerenciamento de risco (Young, 1997), que parte do princípio de que todas as pessoas enfrentam o risco de perdas imprevisíveis. No entanto, a maneira como reagem a essas ameaças varia conforme os perigos ambientais e sociais nos quais estão inseridas. Integrando essa base teórica, adotamos a perspectiva de Park (1973) sobre zonas morais urbanas, adaptada para o ambiente rural. Para esse antropólogo, o compartilhamento de interesses comuns no ambiente urbano gera um sentimento local que se sobrepõe aos interesses étnicos e de classe, tornando a cidade um mosaico de mundos que se tocam, mas não se misturam. Ao mesmo tempo, ele possibilita a circulação de saberes, práticas e pessoas pelas diversas zonas morais. Essas ideias foram centrais para delinearmos as possíveis funções dos vidros lascados, integrando-os — ainda que de maneira ampla — à comunidade que viveu na região dos sítios arqueológicos estudados e às dinâmicas e estratégias que ocorriam na localidade.

Considerando que os artefatos em vidro lascado provêm de recipientes originalmente produzidos para fins diferentes daqueles para os quais foram reutilizados, e levando em conta que passaram por diversos processos relacionados à escolha da matéria-prima, coleta, reaproveitamento, produção e descarte pelos indivíduos que os utilizaram, acreditamos que eles podem ser mais bem compreendidos ao longo de sua trajetória. Ou seja, não podemos categorizar de maneira separada os vidros selecionados para a produção de um novo artefato, como raspadores, daqueles que não foram escolhidos como matéria-prima em um segundo

momento. O refugo também é indicativo de escolhas conscientes feitas durante a busca pela matéria-prima (Schiffer, 1976; Hodder, 1982, pp. 47-67). Ao utilizarmos o termo “lascado”, estabelecemos uma única trajetória para o vidro, ligando-o às suas utilizações anteriores e aos grupos que o descartaram, interagindo também com aqueles que produziram os vidros lascados, os quais estão conectados pela história de vida do objeto.

Segundo a metodologia proposta por Moni (2021, p. 71-98) para os vidros lascados, consideramos uma categoria geral composta por três grandes subcategorias, que podem se desdobrar: instrumentos sobre vidro, núcleos de debitagem e não instrumentais. Os **instrumentos sobre vidro** são artefatos produzidos com a intenção de auxiliar nas atividades cotidianas e podem ser identificados em três grandes funções: cortar, raspar e perfurar. Já os **núcleos de debitagem** são os negativos encontrados, predominantemente, nos fragmentos de fundo e corpo, que poderiam gerar, por exemplo, lascas finas e alongadas. Por fim, a categoria de “**não instrumentais**” abrange os vidros que apresentam sinais de produção humana, mas que não foram criados com os fins anteriormente mencionados.

Para a análise, adotamos a perspectiva tecnofuncional (Boëda, 1997; 2013), que considera os objetos técnicos como possuidores de uma estrutura intimamente relacionada aos aspectos de produção e funcionamento do instrumento. Privilegiando o meio como elemento integrante da dinâmica e da existência do objeto, essa abordagem permite compreender os artefatos líticos, além das informações tecnofuncionais, como objetos de resistência — ou seja, representações de práticas culturais contra-hegemônicas que fortaleceram a sobrevivência desses grupos no contexto da escravidão.

Associada a essa abordagem está a noção de Unidade Tecnofuncional (UTF), que pode ser definida como “um conjunto de elementos e/ou características técnicas que coexistem em uma sinergia de efeitos” (Boëda, 1997, p. 31). Ela se divide em três categorias: UTF preensiva, UTF transformativa e UTF transmissora de energia. Nos instrumentos de preensão manual, a unidade transmissora de energia e a unidade preensiva coincidem. Cada UTF é constituída pela integração de elementos técnicos reconhecíveis por meio da leitura tecnológica. As UTF transformativas (UTF-t) referem-se, respectivamente, ao fio do gume, à área que o antecede e à superfície de ataque, localizada na porção adjacente. A UTF preensiva (UTF-p), por sua vez, pode ser natural, ou seja, eleita de acordo com os critérios de afordância, ou produzida por modelagem (*façonnage*). Por fim, a UTF transmissora de energia, está situada entre as partes preensivas e transformativas.

A perspectiva desenvolvida por Boëda (1997, 2013) foi escolhida por possibilitar tanto a ampliação da análise do material vítreo, complexificando a noção dessa matéria-prima enquanto suporte de instrumentos em períodos históricos, como a compreensão dos processos tecnológicos de produção desses instrumentos, à luz do seu potencial de funcionamento. Com o objetivo de compreender os suportes dos objetos técnicos e suas correlações com os aspectos funcionais dos instrumentos, a abordagem tecnofuncional se volta para os princípios de produção dos instrumentos, denominados debitagem, modelagem (*façonnage*) e afordância.

O princípio da afordância está presente desde o início da cadeia operatória, na fase de eleição da matéria-prima. O conceito de afordância tem sido amplamente adotado nas últimas décadas na arqueologia, tendo na obra de Gibson (1979) sua principal referência. Nos últimos anos, diversos autores têm ampliado significativamente a discussão sobre essa questão na arqueologia (Knappett, 2004; Malafouris, 2008; Hodder, 2016). Compartilhamos as noções de Knappett (2004, p. 46), que considera a relationalidade, a transparência e a sociabilidade nos estudos sobre a cultura material. Destacamos, especialmente, uma das categorias propostas — a “relationalidade” — pelo referido autor, que enfatiza a afordância como uma “propriedade relacional

compartilhada entre objetos e agentes”, a partir da matéria bruta (natural) das coisas. Hodder (2016, p. 13) acrescenta que essa matéria bruta das coisas tem efeitos sobre as pessoas e seu contexto social. Afinal, situações com um ou mais sujeitos possibilitam a identificação de variadas afordâncias de um mesmo objeto, as quais podem ser negociadas e contestadas (Knappett, 2004).

O esquema de trajetória de objeto vítreo que adotamos (Figura 2) parte da noção de ciclo de “vida” dos objetos de Schiffer (1972) e dos patamares de Gallay (1986). Esse caminho inicia no P0, momento de sua produção, a partir de intenções preestabelecidas, e está sujeito a variações na massa vítreia, na densidade de bolhas de ar, na cor, forma, tamanho e função, entre outros fatores, os quais não afetam significativamente sua funcionalidade. Uma vez pronto o objeto, seja uma garrafa, copo, taça, produto de toucador ou frasco de remédio, ele é utilizado até o seu descarte. Ao tornar-se refugo, o objeto vítreo (P1) passa a ser um suporte potencial para instrumentos sobre vidro. Isso dependerá das condições de conservação em que o fragmento ou a garrafa se encontra, visto que o vidro é uma matéria-prima frágil, e a forma de descarte, além das condições tafonômicas particulares, influencia sua preservação (Schiffer, 1987, pp. 121-140). A nova etapa de produção de suporte inicia o “recomeço” da trajetória de vida do objeto vítreo (P0*). Esse momento é caracterizado pela escolha, produção e utilização do suporte por um indivíduo ou, nas palavras de Gallay (1986), da “sociedade viva”. O posterior descarte (P1*) pode não ser definitivo, existindo ao menos duas possibilidades: a primeira é o retorno do objeto ao ciclo, a partir da confecção de novas UTF-t e/ou UTF-p, seguido, posteriormente, do seu descarte final. A segunda possibilidade diz respeito à reutilização do objeto sem nenhuma alteração intencional, seja na área preensiva ou no gume, seguida do descarte final. Essa dinâmica de produção de novas unidades transformativas (gumes) pode ocorrer até o momento em que o suporte se esgote, ou seja, quando não houver mais possibilidades técnicas de produção. Já a reutilização ocorrerá até que o grupo suspenda tal atividade.

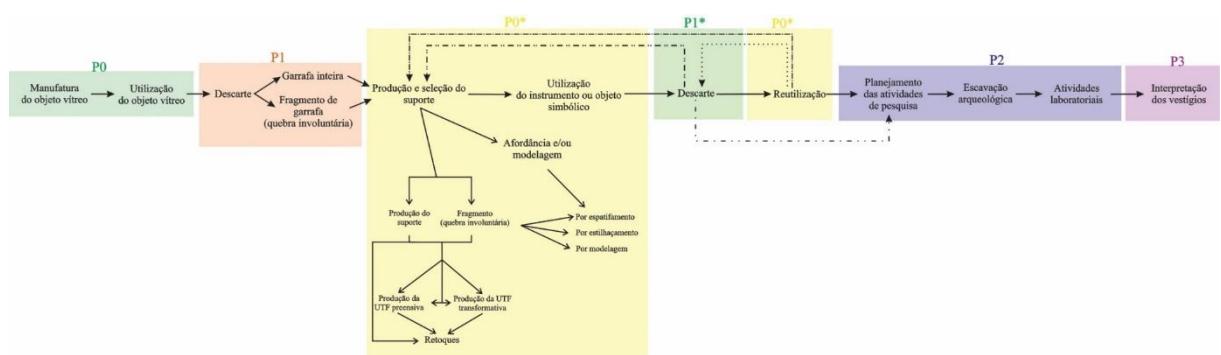


Figura 2. Trajetória de um objeto vítreo. Fonte: Moni (2021, p. 81).

A partir do momento em que os vestígios dispostos como refugo são escavados pelos arqueólogos, inicia-se sua interferência (P2). Esse processo começa com o planejamento do projeto e das atividades de pesquisa em campo, nas quais os pesquisadores realizam escavações e coletam os vestígios. Durante esse processo, destaca-se, no caso dos vidros lascados, o risco da coleta seletiva, que pode, eventualmente, provocar distorções na representação das partes lascadas. Soma-se a isso o desconhecimento, por longo período, do

potencial dos vidros lascados, o que pode ter influenciado a decisão de não realizar coletas totais desses conjuntos.

O último patamar (P3) diz respeito à interpretação dos vestígios, à busca pelo entendimento dos modos de produção, função e funcionamento dos objetos, das pessoas que detinham essa materialidade e de seu contexto, entre outros aspectos. Sabe-se que não será sempre possível esclarecer a totalidade das informações que essa materialidade carrega. Contudo, acreditamos que, por meio da adoção da abordagem tecnofuncional, torna-se possível compreender parcelas significativas dessa materialidade, entendidas como evidências de conhecimentos e técnicas transmitidos por gerações.

Reiteramos que as atividades experimentais realizadas durante a pesquisa foram essenciais para entender melhor as possibilidades relacionadas à intencionalidade humana na produção dos vidros lascados. Nesse exercício, observaram-se as possíveis escolhas na produção de suportes e os destacamentos de lascas que poderiam ser utilizadas como lâminas, além dos possíveis instrumentos empregados. Com base nos resultados obtidos, foi possível determinar alguns tipos de quebra natural e entender como lâminas finas podiam ser produzidas, além de aprofundar o conhecimento sobre o comportamento do vidro, levando em consideração diversos percutores e gestos (para mais detalhes sobre esse experimento, ver Moni, 2021, p. 83-98).

A análise dos instrumentos sobre vidro foi realizada segundo a elaboração de um guia específico de análise para essa materialidade, desenvolvido com base na combinação e adaptação de parâmetros analíticos vítreos e líticos. Para esse guia, foram consideradas as metodologias propostas por Wilkie (1996) e Ahlman *et al.* (2014), com o intuito de sistematizar as categorias de estudo. Em relação a essa questão, é importante observar que a produção de objetos vítreos, em sua origem, resulta de modos diversificados de produção humana, atendendo a certos requisitos técnicos. Os modos de produção de objetos de vidro mais recorrentes nos contextos históricos são as técnicas de sopro e de molde, sendo este último um conjunto de técnicas que variam das mais simples às mais automatizadas. A mesma diversidade pode ser encontrada na formação das partes da peça, como o topo e a base (Jones *et al.*, 1985). Essa variedade de técnicas originava diferentes configurações morfológicas, volumétricas e estruturais, que ofereciam variados tipos de produtos de lascamento. Somem-se a isso as distintas condições de deposição, que, como já destacado, também afetavam o aproveitamento do vidro.

RESULTADOS DA ANÁLISE

No total, foram identificadas e analisadas 23 peças, sendo 15 provenientes do Sítio Casa da Néa-Celina e oito do Sítio Casa das Três Viúvas. No Sítio Casa da Néa-Celina, a maioria dos instrumentos teve como suporte o corpo de garrafas, seguido por fragmentos de fundo + corpo e topo. Já no Sítio Casa das Três Viúvas, a maioria dos objetos vítreos estudados foi produzida a partir de fragmentos do corpo de garrafa, seguido de topo, base + corpo e fundo + corpo (Tabela 1). Quanto à cor, observou-se uma variação semelhante em ambos os sítios, com a presença das cores verde-escuro/preto, verde, azul, âmbar e transparente, de acordo com o sistema de identificação e classificação proposto por Fike (2006).

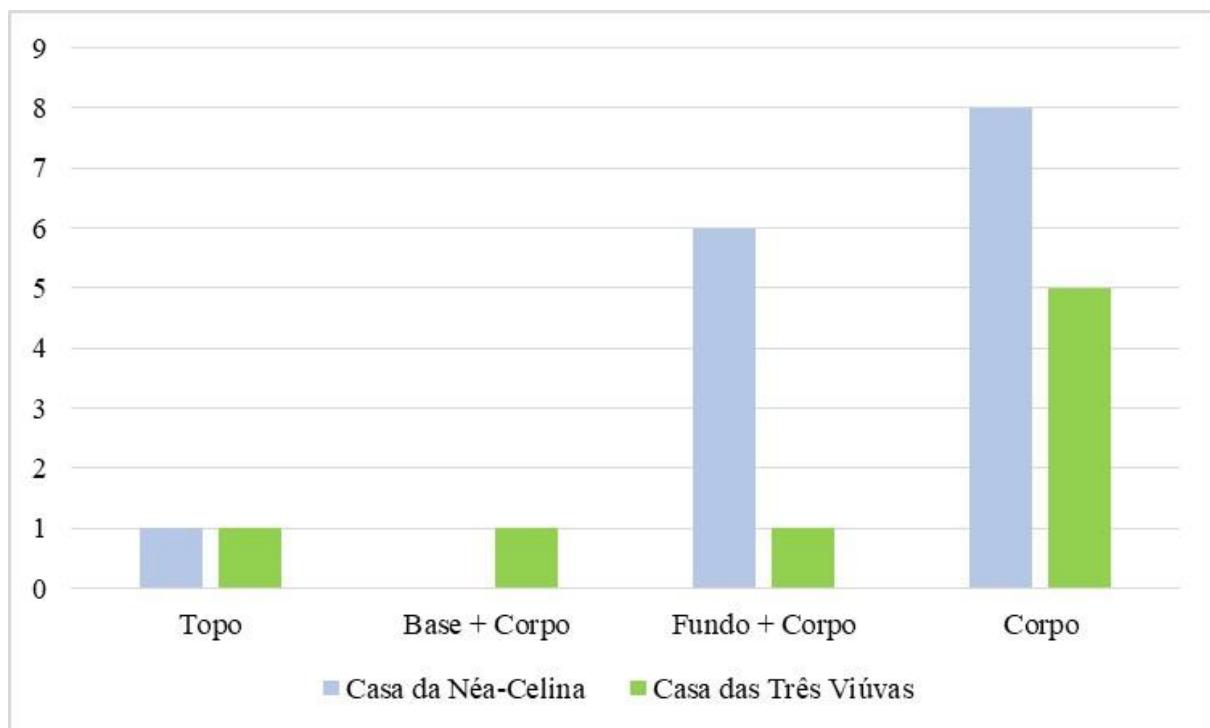


Tabela 1. Quantificação das partes da garrafa utilizadas para a produção de vidro lascados, Sítios Casa da Néa-Celina e Casa das Três Viúvas. Fonte: Moni (2021, p. 134).

Em ambos os sítios, as peças analisadas foram classificadas em cinco grandes categorias, que apresentaram frequências variadas, conforme apresentado na Tabela 2.

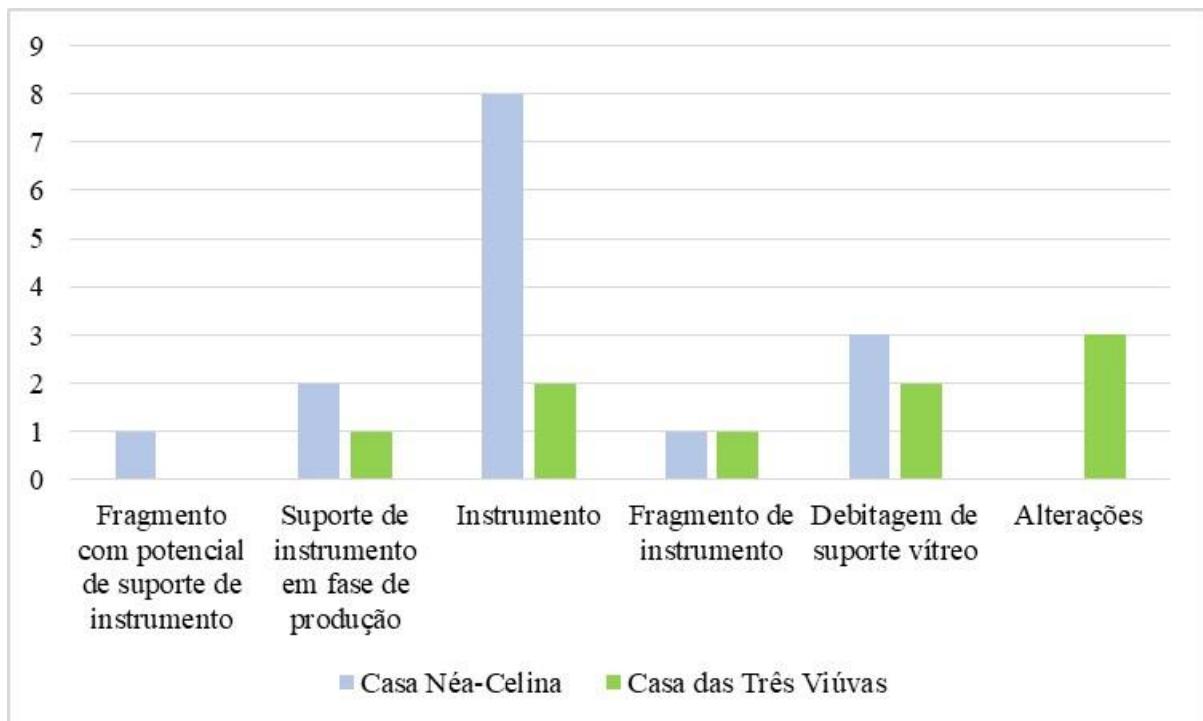


Tabela 2. Categorias dos vidros lascados – Sítio Casa da Néa-Celina e Sítio Casa das Três Viúvas. Fonte: Moni (2021, pp. 135-136).

Atendendo ao Sítio Casa da Néa-Celina, cuja coleção é composta por 15 peças (Figura 3), identificou-se que a produção do suporte para o futuro instrumento foi realizada a partir dos princípios técnicos da **modelagem** (modificação de um volume com o objetivo de instalar nele as características técnicas desejadas), **debitagem** (exploração de um volume, denominado núcleo — previamente formatado ou em estado natural —, no qual estão inscritas duas áreas específicas: o plano de percussão e a superfície de lascamento), **estilhaçamento** (uso de um percutor para fragmentar a garrafa, golpeando-a em um ponto específico) e possivelmente **espatifamento** (garrafa lançada ao chão). A modelagem foi identificada em diversos instrumentos; entretanto, como a garrafa possui um volume oco, seu objetivo não era organizar o volume da peça, mas regularizar as bordas, estando, portanto, majoritariamente relacionada à produção da área preensiva dos instrumentos. A debitagem sobre objetos vítreos ocorreu em fragmentos provenientes de áreas mais espessas das garrafas, que foram utilizadas como suportes para a retirada de lascas finas e alongadas. No que diz respeito ao estilhaçamento, foi observado em uma única peça. A aleatoriedade desse ato técnico não permite distingui-lo de forma segura quando o ponto de impacto não está presente no fragmento. Assim, é possível que outros fragmentos da coleção também provenham desse princípio. Por fim, a presença recorrente de bases na coleção, utilizadas como suportes de instrumentos e de debitagem, indica a possibilidade de fragmentação intencional de garrafas de bebida, segundo o princípio técnico de espatifamento.

Os critérios de morfologia para a seleção de suportes não são completamente claros, mas estabelecem-se dois grandes grupos. Todos os fragmentos são provenientes do corpo da garrafa; no entanto, no primeiro conjunto, observam-se morfologias triangulares (para os instrumentos em ponta), enquanto no segundo são predominantes as morfologias retangulares (para os instrumentos com delineamento côncavo e retilíneo).

Foi constatada a predominância de uma única unidade transformativa nos suportes dos instrumentos, com exceção da peça 4, que está fragmentada. No que diz respeito ao delineamento do gume que compõe a unidade transformativa, a maior frequência foi observada no delineamento em ponta (3). A segunda categoria é o delineamento côncavo e retilíneo (2), seguido pelo denticulado irregular e convexo (1).

A conexão de informações específicas, como o ângulo das UTF transformativas, a posição dos retoques, a superfície de ataque e o delineamento do gume, fornece subsídios para refletir sobre a funcionalidade dos instrumentos. Em relação aos ângulos, observa-se o predomínio de ângulos mais abruptos, acima de 85°, seguidos dos semiabruptos (entre 70° e 75°) e semirrasantes (abaixo de 70°). Entre as categorias relacionadas à disposição dos retoques, há uma diversidade: retoques diretos (3), inversos (2), bifaciais (1) e cruzados (3). Quanto à superfície de ataque, as superfícies planas são as mais recorrentes (7), seguidas das côncavas (2). Nessa coleção, os instrumentos para corte e raspagem totalizam 66% da coleção, enquanto os de perfuração representam 34%.

Em relação às áreas preensivas dos instrumentos da coleção do Sítio Casa da Néa-Celina, foram identificadas em nove dos 12 objetos vítreos. A UTF preensiva foi identificada em sua forma natural (escolhida durante a seleção do suporte, com os critérios originais mantidos) ou produzida (através da modelagem). O conjunto apresenta 56% das UTF preensivas produzidas e 44% naturais. A seleção baseou-se em critérios de afordância, como curvatura da garrafa, base côncava, espessura da base maior que o corpo, espessura e morfologia. A opção pela preensão palmar (90%) sugere a preferência pelo volume da unidade preensiva, sendo os 10% restantes laterais. Quanto à localização da UTF preensiva, em 90% dos instrumentos a preensão é oposta ao gume, e em 10%, adjacente.

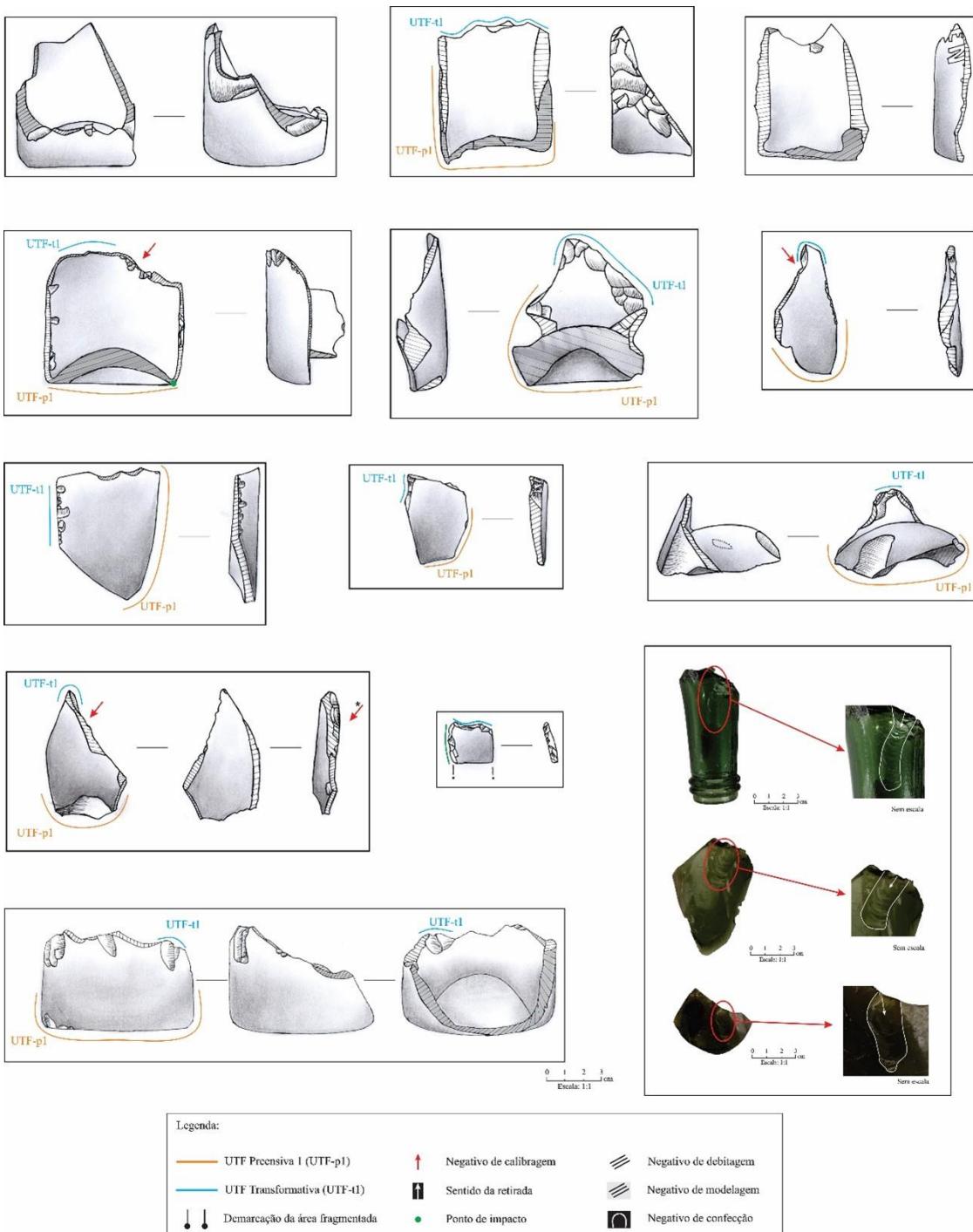


Figura 3. Prancha com desenho técnico e fotografia das 15 peças da coleção vítreia, Casa da Néa-Celina. Fonte: Moni (2021, p. 110, 112, 114-116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132).

Já no Sítio Casa das Três Viúvas, a produção de suportes para a confecção de futuros instrumentos foi identificada pelos princípios técnicos de espatifamento e modelagem, com a possibilidade de fragmentos produzidos por estilhaçamento. Com base nas atividades experimentais, identificou-se a possível utilização do método de espatifamento em uma peça. Nesse mesmo suporte, observou-se a presença de modelagem, com a provável intenção de alterar a forma e dimensão do corpo; entretanto, devido à remontagem, não foi possível realizar mais aferições. A debitagem ocorreu em um fragmento de corpo e fundo.

A coleção de instrumentos sobre vidro do Sítio Casa das Três Viúvas é composta por oito peças, das quais três apresentam possíveis sinais de alterações térmicas não intencionais (Figura 4). Os suportes foram selecionados a partir de fragmentos de corpo de garrafa com morfologia triangular. Em todos os fragmentos, observaram-se uma curvatura média e a presença de uma única unidade transformativa. Os instrumentos apresentam delineamento denticulado irregular, em ponta assimétrica e convexo. Quanto ao delineamento dos gumes dos instrumentos inteiros, um apresenta duas UTF transformativas, um delineamento retilíneo e outro convexo, enquanto o outro apresenta delineamento em ponta. O ângulo do plano de bico e do plano de corte possui três variantes: PB – 65° // PC – 60°; PB – 90° // PC – 85°; PB – 90° // PC – 90°. A posição dos retoques é inversa (1) e cruzada (1); devido à fragmentação de um instrumento, não foi possível analisá-la. Quanto à superfície de ataque, esta varia entre plana (2) e côncava (1). Com base nos resultados das análises, podemos inferir que os instrumentos foram utilizados para três ações técnicas: raspagem, corte e perfuração.

Foi possível analisar a UTF preensiva de apenas dois instrumentos. Uma área preensiva é natural, com volume mais espesso do que o gume, enquanto a outra foi produzida, apresentando volume semelhante ao gume. Em relação à posição da UTF preensiva, no primeiro instrumento, ela está oposta ao gume, e a preensão é palmar. O segundo instrumento se destaca pela diversidade nas possibilidades de localização das áreas preensivas — uma oposta e outra adjacente ao gume —, além do tipo de preensão manual, que varia entre palmar e lateral.

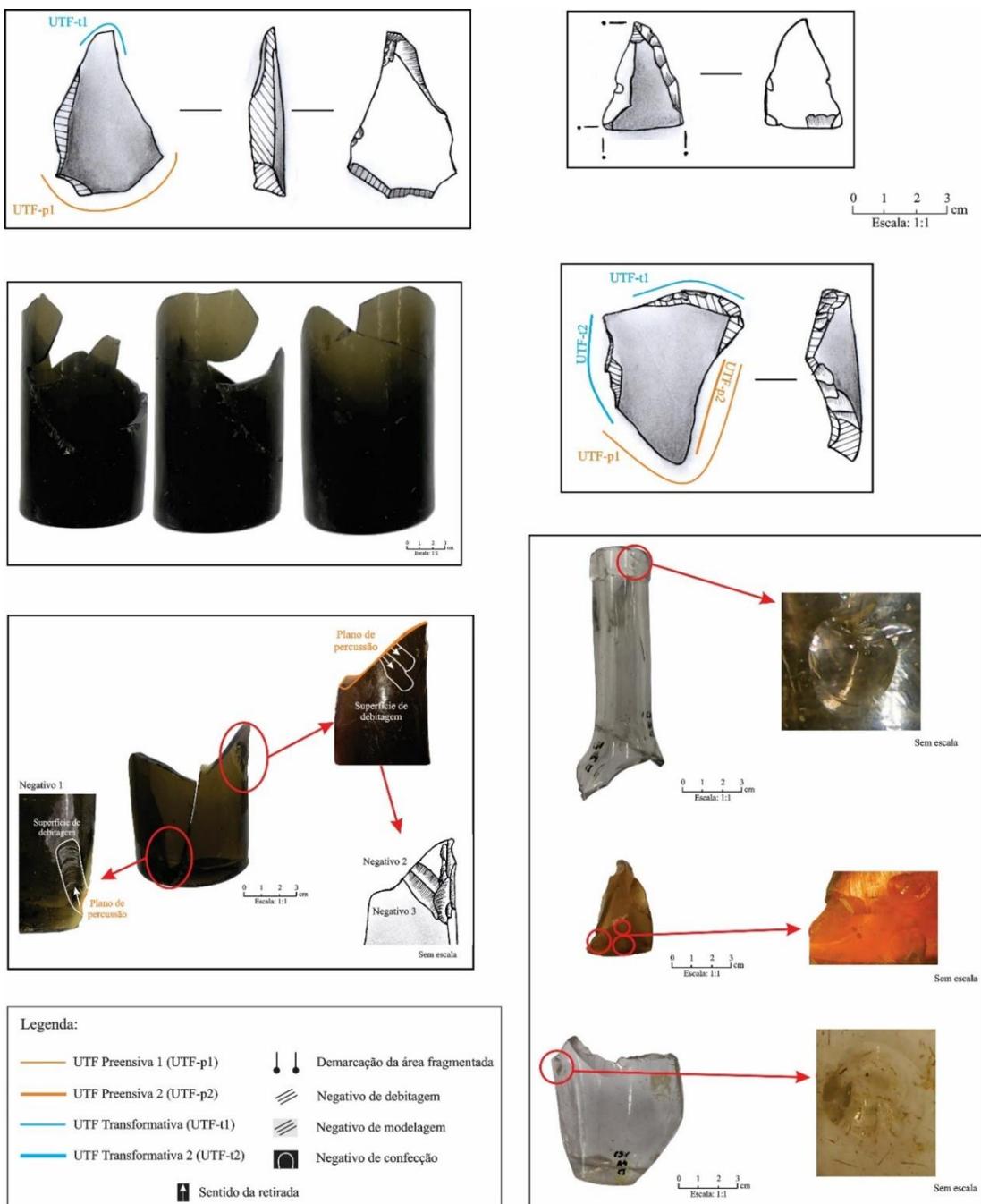


Figura 4. Prancha com desenho técnico e fotografia das oito peças da coleção vitrea – Casa das Três Viúvas. Fonte: Moni (2021, p. 101, 102, 104, 105, 107, 109).

CONCLUSÕES

Acreditamos que um bom ponto de partida para a compreensão dos vidros lascados analisados é entendê-los como parte de estratégias de gerenciamento de risco (Young, 1997), uma vez que, ao serem utilizados para auxiliar nas atividades cotidianas, apresentavam um risco reduzido de perda caso fossem confiscados. Mais importante ainda, esses instrumentos ofereciam uma forma de enfrentar as dificuldades impostas pela escravidão, que limitava as possibilidades de aquisição de itens no mercado. Nessa perspectiva, concordamos

com Symanski e Osório (1996), que afirmam que a dimensão socioeconômica envolvida na escolha desses itens não pode ser ignorada. Além disso, esses objetos, além de serem recursos para lidar com as adversidades da escravidão, também serviam como soluções práticas para os pequenos desafios do cotidiano, podendo ser analisados sob a ótica da arqueologia da criatividade (Souza, 2013).

Ao considerar a natureza polissêmica da materialidade, conforme postulada por pós-processualistas (Hodder, 1986; Hodder & Shanks, 1995), é necessário adicionar outras camadas a essas perspectivas: seu uso como instrumento de resistência, como objeto de transmissão de conhecimentos tecnoculturais, como elemento de aproximação social, como indutor de laços de afinidade e, em última análise, como mecanismo de fortalecimento de bases culturais próprias.

Como demonstrado acima, a recorrência de instrumentos em ponta com negativos de calibragem, morfologias e tamanhos semelhantes, além dos negativos cruzados em instrumentos para raspagem, indica a possível transmissão de conhecimentos produtivos entre as pessoas da região. A teoria de gerenciamento de risco de Young (1997) se concretiza na existência de lascas finas e alongadas que, embora não tenham sido encontradas em contexto devido à sua espessura e à fragilidade da matéria-prima, foram inferidas com base nos negativos presentes nas superfícies de lascamento. O tamanho reduzido dessas lascas e a rapidez com que eram produzidas sugerem que poderiam ser utilizadas, descartadas ou "perdidas" sem grandes consequências para o grupo, ao mesmo tempo que ofereciam soluções práticas para as necessidades do cotidiano.

Dentro desse contexto, uma evidência relevante é a presença de instrumentos feitos com suportes de vidro de coloração âmbar nos dois sítios estudados. Como se sabe, objetos de vidro dessa cor se popularizaram no último quarto do século XIX (Lindsey, 2020), período em que o contingente de crioulos, conforme já assinalado, era maior do que o de africanos escravizados ou libertos. A presença desses artefatos em ambos os sítios, em uma fase tão tardia, revela que a produção dos instrumentos foi provavelmente continuada pelos descendentes dos africanos escravizados que desembarcaram nos portos brasileiros, mesmo que, nesse momento, houvesse maior acesso a ferramentas industriais. Embora seja possível considerar que também escravizados brasileiros estivessem utilizando esses itens, não se pode descartar seu uso por libertos, dado, sobretudo, o contexto temporal desses achados. A perpetuação desse conhecimento é relevante, pois indica uma transmissão viva de saberes *para* e *entre* os descendentes de africanos, além de representar o valor cultural que essa prática carregava. A localização periférica dos sítios sugere que eles pertenciam a trabalhadores de baixa renda. É sabido que, pelo menos até 1866, havia pessoas escravizadas trabalhando na Fábrica de Pólvora da Estrela, e posteriormente, africanos livres constituíram a maior parte da força de trabalho. Os movimentos em prol da abolição da escravatura culminaram na contratação de pessoas livres. Simultaneamente à contratação de operários, a fábrica construía espaços comuns, como escolas e igrejas, frequentados por pessoas de diferentes grupos sociais (Sousa, 1998; Moreira, 2005), reforçando essa possibilidade.

Com base nesse cenário, a produção de instrumentos de vidro e a transmissão dessas técnicas podem ser compreendidas como uma estratégia de sobrevivência para as famílias rurais dessa região, unidas por uma ancestralidade compartilhada, construída por meio de práticas sociais e culturais.

Os vidros lascados se configuram como uma das muitas formas de resistência criadas pelos grupos de africanos escravizados e seus descendentes, diante das tentativas constantes de apagamento da cultura africana e afro-brasileira. Eles promoviam, conforme já proposto por Souza (2011, 2013), "segurança ontológica", um mecanismo capaz de gerar um sentimento de segurança na perpetuação da identidade do grupo e garantir a sobrevivência dos aspectos físicos, culturais e sociais da comunidade (Giddens, 1989).

As famílias de escravizados e seus descendentes estavam constantemente ameaçadas pela separação forçada. A produção de vidros lascados esteve associada ao compartilhamento de técnicas específicas, ensinadas entre seus semelhantes, formando um conhecimento restrito ao grupo. Sob essa ótica, essas materialidades podem ser entendidas como lembranças, indo muito além de um item funcional do cotidiano. O conhecimento de como produzir um instrumento, provavelmente restrito ao grupo familiar e de convivência íntima, significava a continuidade dos ensinamentos de um grupo específico e, consequentemente, representava uma forma de resistência às iniciativas de apagamento cultural, preservando o legado africano.

Tendo em vista essas considerações, os contextos dos sítios Casa da Néa-Celina e Casa das Três Viúvas podem ser analisados segundo duas grandes esferas: a primeira, uma região rural fluminense ocupada por pessoas de diferentes grupos sociais, unidas pela relação com a Fábrica de Pólvora da Estrela e pela pertença a uma camada social menos favorecida; a segunda esfera, contida na primeira, engloba outros pequenos grupos sociais que, durante o século XIX, viveram em relações de reciprocidade na área estudada, podendo incluir até mesmo brancos, que usualmente possuíam um *status* social mais elevado em comparação aos grupos anteriormente descritos (Figura 5).

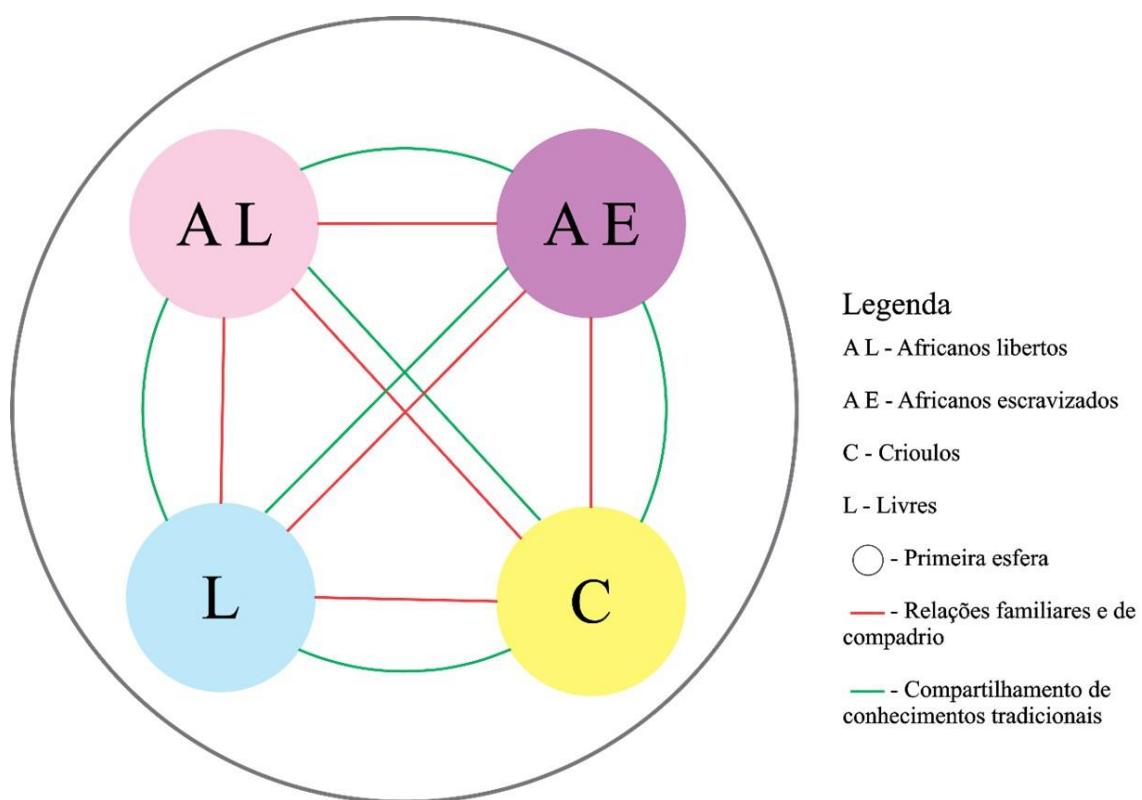


Figura 5. As possíveis esferas de relações entre os habitantes da área dos sítios Casa das Três Viúvas e Casa da Néa-Celina no século XIX. A primeira refere-se à região rural fluminense na qual se inscreviam; a segunda, aos grupos sociais do local. Fonte: Moni (2021, p. 153).

Acreditamos que a criação dessas redes de relações, que certamente resultaram em novos laços familiares e comunitários, contribuiu significativamente para a formação de identidades grupais, reforçando os mecanismos de resistência por eles empregados. Acreditamos que os grupos familiares de escravizados eram os principais *loci* para a construção e reconstrução de mentalidades, práticas e comportamentos da cultura afro-

brasileira. Complementarmente, esses processos poderiam ocorrer também em outros espaços de uso comum, frequentados por diferentes sujeitos, incluindo os mais jovens, como, por exemplo, nas escolas destinadas às crianças.

Ao refletir sobre o contexto em questão com base na teoria de Park (1973), é possível considerar que nesses diferentes *loci* existia um espaço para interações profícias entre africanos livres, crioulos e outros com a mesma condição. Nesses locais, ocorriam transmissões culturais entre diferentes gerações, que, pelo menos em parte, ajudaram a preservar seus ideais e saberes. É importante, neste ponto, reconhecer que africanos e crioulos podiam ter práticas culturais distintas. Contudo, as evidências apresentadas sugerem que eles constituíram zonas morais permeadas também por interesses comuns. Nesse sentido, diferentes regiões morais poderiam ser criadas e compartilhadas.

Quanto à construção desses laços, isso pode ter ocorrido, na prática, por meio dos arranjos familiares envolvendo padrinhos e madrinhas. Em situações como essa, poderia haver o compartilhamento de conhecimentos tradicionais, como a produção de instrumentos sobre vidro, que permitia o desenvolvimento de novas estratégias de sobrevivência física, cultural e social. Ressalta-se, assim, a importância de não cristalizar essa materialidade como produto de grupos específicos. Os sítios Casa da Néa-Celina e Casa das Três Viúvas exemplificam a relevância do estudo dos vidros lascados para a compreensão, mesmo que parcial, de aspectos relacionados à resistência cultural entre africanos e crioulos, escravizados ou livres, e suas práticas de compartilhamento.

REFERÊNCIAS

- Ahlman, T. M., Bradly, B. R., & Schreodl, G. F. (2014). Stone artifacts and glass tolls from enslaved African contexts on St. Kitts's Southeast Peninsula. *Journal of African Diaspora Archaeology & Heritage*, 3(1), 1-25.
- Armstrong, D. V., & Fleischman, M. L. (2003). House-yard burials of enslaved laborers in Eighteenth-century Jamaica. *International Journal of Historical Archaeology*, 7(1), 33-65.
- Behrendt, S., Eltis, D., & Richardson, D. (1999). Patterns in the transatlantic slave trade, 1662-1867: new indications of African origins of slaves arriving in the Americas. Em Diedrich, M., Gates Junior, & H. L., Pedersen, C. (orgs.). *Black imagination and the Middle Passage* (pp. 21-32). Oxford: Oxford University Press.
- Boëda, E. (1997). *Technogenèse de systèmes de production lithique au Paléolithique inférieur et moyen en Europe occidentale et au Proche-Orient*. Paris: Université de Paris-X-Nanterre.
- Boëda, E. (2013). *Techno-Logique & Technologie: Une Paléo-Histoire des Objets Lithiques Tranchants*. Paris: Archéo-éditions.
- Curtin, P. D. (1969). *The Atlantic slave trade: a census*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Eltis, D. (2000). *The rise of African slavery in the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fike, R. E. (2006). *The Bottle Book*. New Jersey: The Blackburn Press.
- Florentino, M., & Góes, J. R. (1997). *A paz nas senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gallay, A. (1986). *L'Archéologie Demain*. Paris: Éditions Belfond.
- Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Giddens, A. (1989). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martin Fontes.

- Gomes, F. (2012). A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir dos registros eclesiásticos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 19(1), 81-106.
- Gudeman, S., & Schwartz, S. B. (1988). Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. Em Reis, J. J. (org.). *Escravidão & invenção da liberdade* (pp. 33-59). São Paulo: Brasiliense.
- Hodder, I. (1982). *The present past*. London: Batsford.
- Hodder, I. (1986). *Reading the past*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hodder, I. (2016). *Studies in human-thing entanglement*. [s.l]: Edição de autor.
- Hodder, I., & Shanks, M. (1995). Processual, post processual and interpretive archaeologies. Em Hodder, I., Shanks, M., Alexandri, A., Buchli, V., Carman, J., Last, J., & Lucas, G. (orgs.). *Interpreting archaeology: finding meaning in the past* (pp. 1-30). New York: Routledge.
- Jones, O., Sullivan, C., Miller, G. L., Smith, E. A., Harris, J. E., & Lunn, K. (1985). *Glass Glossary*. Ottawa: Parks Canada.
- Karasch, M. C. (2000). *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Klein, H. S., & Luna, F. V. (2010). *Slavery in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Knappett, C. (2004). The affordances of things: a post-gibsonian perspective on the relationality of mind and matter. Em Demarrais, E., & Gosden C., Renfrew, C. (prgs.). *Rethinking materiality: the engagement of mind with the material world* (pp. 43-51). Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- Lima, T. A. (2016). A meeting place for urban slaves in eighteenth century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 5(2), 102-146.
- Lindsay, B. (2020). Historic glass bottle identification & information website. Blog post. Disponível em: <<https://sha.org/bottle/index.htm>>. [cons. 15 mar. 2020].
- Malafouris, L. (2008). At the potter's wheel: an argument for material agency. Em Knapp, A. B., & Malafouris, L. (orgs.). *Material agency* (pp. 19-36). New York: Springer.
- Martindale, A., & Jurakic, I. (2015). *Glass tools in archaeology: material and technological change*. Oxford: Oxford Handbooks Online.
- Metcalf, A. C. (1987). Em busca da família escrava no Brasil colonial: uma reconstrução a partir de São Paulo. *Estudos Econômicos*, 17(17), 229-244.
- Mintz, S. W., & Price, R. (1992). *The birth of African-American culture: an anthropological perspective*. Boston: Beacon Press.
- Moni, A. F. N. (2021). *Instrumentos sobre vidro: resistência cultural e compartilhamento de práticas pelos escravizados e seus descendentes em dois sítios rurais do Rio de Janeiro, século XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Moreira, A. S. (2005). *Liberdade tutelada. Os africanos livres e as relações de trabalho na Fábrica de Pólvora da Estrela, Serra da Estrela/RJ (c.1831-c.1870)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- Moura, C. (1998). *Rebeliões da senzala*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Park, R. E. (1973). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Em Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano* (pp. 26-67). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Reis, J. J., & Silva, E. (1989). *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Ribeiro, P. M. et. al. (1988). Arqueologia e história da aldeia de São Nicolau do Rio Pardo. *Revista do CEPA*, 18(18), 5-92.
- Ruiz, L. J. Z. (2018). *Criatividade e resistência cotidiana: os vidros lascados e reutilizados pelos escravizados da Charqueada São João da cidade de Pelotas, RS, Brasil: um povo feito de barro*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas.
- Santos Junior, E. dos (2017). *Objetos sobre vidro lascado em contexto de senzala na Amazônia Oriental Brasileira: uma proposta metodológica de macro e microanálise*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém.
- Schiffer, M. B. (1972). Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37 (2), 156-165.
- Schiffer, M. B. (1976). *Behavioral archaeology*. New York: Academic Press.
- Schiffer, M. B. (1987). *Formation processes of archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Singleton, T. A., & Souza, M. A. T. (2013). Reflexões sobre a arqueologia da diáspora africana no Brasil. *Vestígios — Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 7(1), 212-219.
- Slenes, R. W. (2012). *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*. Campinas: Editora Unicamp.
- Soares, L. C. (2007). *O “Povo de Cam” na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras.
- Sousa, A. C. (1998). *Fábrica de Pólvora e Vila Inhomirim: aspectos de dominação e resistência na paisagem e em espaços domésticos (século XIX)*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.
- Souza, M. A. T. de (2011). A vida escrava portas adentro: uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. *Maracanan*, 7(7), 83-109.
- Souza, M. A. T. de (2013). Introdução: arqueologia da diáspora africana no Brasil. *Vestígios — Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 7(1), 7-19.
- Symanski, L. C. P. (2014). A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. *Afro-Ásia*, (49), 159-198.
- Symanski, L. C. P., & Ferreira, L. M. (2022). Transformação e resistência: arqueologia da diáspora africana no Brasil. Em Symanski, L. C., & Souza, M. A. T. de (orgs.). *Arqueologia Histórica brasileira* (pp. 307-340). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Symanski, L. C. P., & Osório, S. R. (1996). Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. *Revista de Arqueologia*, 9(1), 43-54.
- Wilkie, L. A. (1996). Glass-knapping at a Louisiana plantation: African-American tools?. *Historical Archaeology*, 31(4), 81-106.
- Wilkie, L. A. (1997). Secret and sacred: contextualizing the artifacts of African-American magic and religion. *Historical Archaeology*, 30(4), 37-49.
- Wüst, I. (1991). *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. Dissertação (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Young, A. L. (1997). Risk management strategies among African-American slaves at Locust Grove Plantation. *International Journal of Historical Archaeology*, 1, 5-37.

VIDROS LASCADOS, COMPARTILHAMENTOS DE PRÁTICAS E RESISTÊNCIA ENTRE AFRICANOS ESCRAVIZADOS E SEUS DESCENDENTES
EM DOIS SÍTIOS RURAIS DO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX